

ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CAPÍTULO 1, DO TEXTO “O QUE É IDEOLOGIA”, DE TERRY EAGLETON.

Aurius Reginaldo de Freitas Gonçalves

Ao abordar o tema central do seu trabalho, *Ideologia*, Terry Eagleton mostra já no primeiro capítulo, a grande dificuldade em se definir uma formulação adequada para o termo, que segundo o autor, se apresenta através de uma série de “significados convenientes” (1997, p. 15). Porém, o termo ultrapassa os limites do simples significado, que por possuir na sua estrutura mais fundamental a representação dos signos e valores da vida social, podem assumir várias faces e modos de interpretações.

Vejamos algumas definições que, segundo o autor, circundam as definições mais elementares que o termo *ideologia* pode assumir:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- b) um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social;
- c) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- d) ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- e) comunicação sistematicamente distorcida;
- f) aquilo que confere certa posição a um sujeito;
- g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
- h) pensamento de identidade;
- i) ilusão socialmente necessária;
- j) a conjuntura de discurso e poder;
- k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- l) conjunto de crenças orientadas para a ação;
- m) a confusão entre realidade lingüística e realidade fenomenal;
- n) oclusão semiótica;
- o) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social;
- p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.¹

Ao definir ideologia como *qualquer conjunto de crenças motivadas por interesses sociais*, o autor chama a atenção para a representação das formas de pensamento *dominante* em uma determinada sociedade. Contudo, esse conceito torna universalizadas as definições, e isso implicaria em admitir que ninguém aceita num primeiro momento, que seus modos habituais, são definidos por uma ideologia dita como dominante. Outro ponto importante que o autor chama a atenção é perceber que algumas dessas formulações estão envolvidas em questões de cunho epistemológico, ou seja, depende do conhecimento de mundo, como por exemplo, no que se refere as

¹ Cf, nota: Terry Eagleton. *Ideologia. Uma Introdução*. São Paulo, Unesp, Boitempo, 1997, pp.15-16

convicções formadas com os paradigmas racionais as quais estamos constantemente sendo moldados.

Terry Eagleton então, define ideologia de seis maneiras diferentes, partindo da mais elementar compreensão do termo. Primeiro, refere-se à ideologia como sendo um “processo material geral de produção de ideias, crenças e valores, e, portanto, assemelha-se ao significado mais amplo do termo *cultura*” (1997, p. 38). Segundo, o significado social se aproxima do termo composto por uma “visão de mundo”, nesse sentido, refere-se ao modo de produção da vida e dos meios fundamentais que possibilitam a garantia da existência dos indivíduos na sociedade. O terceiro ponto é a garantia da promoção e legitimação dos interesses de determinados grupos sociais, interesses estes que possibilitam apoiar ou desafiar qualquer forma de vida política. Podemos perceber isso na construção de um discurso não verídico, mas persuasivo, capaz de produzir certos efeitos como por exemplo a *legitimação das leis naturais*, responsáveis pela manutenção do *status quo* social.

O quarto significado, se deve ao fato de se garantir a unificação dessa formação social, e isso não é somente uma lógica de imposição de ideias, mas é a do conteúdo formal dessas ideias estarem preenchidos com crenças que possibilitem manter na sua estrutura uma (falsa) idéia de *neutralidade epistemológica*. Isso nos leva, segundo o autor, a pensar numa quinta definição: a manutenção do modelo ideológico baseado na distorção e na simulação de determinado fato social.

Com isso, chegamos a sexta e última definição do termo ideologia proposto por Terry Eagleton; as crenças falsas e ilusórias agora não partem mais do interesse da classe dominante, mas da “estrutura material do conjunto da sociedade de um modo geral”, (1997, p. 40) construídas anteriormente. Notamos mais claramente esse fato na teoria de Marx, quando o mesmo se refere ao fetichismo da mercadoria e da produção dos meios materiais de vida.

Finalmente o autor aponta que ideologia não é apenas representações empíricas, mas refere-se a ela como relações vivenciadas pelo homem, e como tal, pode e deve ser alterada. Nossas relações vivenciadas e transformadas nos dariam as ferramentas necessárias para a constante mudança dessa sociedade, possibilitando sair dessa condição de dominação.

Aurius Reginaldo de Freitas Gonçalves